

**IMAGEM TÉCNICA E ESCALADA DA ABSTRAÇÃO: UM ESTUDO DAS
RELAÇÕES HUMANAS COM AS SEX DOLLS¹**

**TECHNICAL IMAGE AND THE ESCALADE OF ABSTRACTION: A STUDY OF
THE HUMAN RELATIONS WITH SEX DOLLS**

Leonardo Torres²

José Luiz Balestrini³

Rafael Rodrigues de Souza⁴

Resumo

O presente artigo propõe uma investigação do aumento pela procura das *sex dolls* (bonecas infláveis) em diversas partes do mundo, segundo o Google Trends, como um fenômeno que revela a escalada da abstração como consequência de um redução simbólica das imagens endógenas. Nossa questão central é como a boneca representa a relação do sujeito com a imagem técnica. Nossa hipótese é de que a literalidade das imagens tem se apresentados aos indivíduos como visões de mundo, que as consideram como reais. Para sustentar nossa linha argumentativa contamos as pesquisas de V. Flusser, M. Contrera, C. Jung, dentre outros autores das ciências do imaginário.

Palavras-chave: Imaginário. Imaginação simbólica. Sex dolls.

Abstract

This article proposes to investigate the increase in demand for sex dolls (inflatable dolls) in different parts of the world, according to Google Trends, as a phenomenon that reveals the escalation of the abstraction as a consequence of the symbolic reduction of the endogenous images. Our core question is how the doll represents the relation between human and technical image. Our hypothesis is that the literalness of the images has been presented to individuals as worldviews, which consider them as real. In order to support our line of argument we count on researches of V. Flusser, M. Contrera, C. Jung among other authors of imaginary science.

Keywords: Imaginary. Symbolic imagination. Sex dolls.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre os relacionamentos amorosos a partir do fenômeno descrito por Vilém Flusser (2008) como a "escalada da abstração". Para isso usamos como exemplo uma análise da crescente utilização das bonecas sexuais no mundo.

¹ Trabalho apresentado ao Eixo Temático Do Espaço, do VII ComCult, Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2021.

² Doutor em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista.

³ Mestrando em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista.

⁴ Mestrando em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista.

A pergunta central desse artigo é: de que maneira a relação entre indivíduo e boneca pode se assemelhar àquela entre o primeiro e as imagens técnicas? A hipótese inicial baseia-se na reflexão de Flusser (2008) sobre o caráter não-simbólico, objetivo e literal das imagens técnicas que faz o indivíduo relacionar-se com elas como janelas e não imagens, confiando e acreditando automaticamente que são visões do mundo, ou seja, cosmovisões.

Se um relacionamento amoroso demanda de presencialidade anímica, corporeidade e interação (Contrera, 2018), aquele que busca relações com as *sex dolls* está preso em sua própria “janela”, não aceitando diferentes cosmovisões e, portanto, corroborando com o diagnóstico flusseriano de que tais imagens podem criar um movimento de retroalimentação do isolamento do outro e de si mesmo. Isso concorda com Le Breton (2018) quando este utiliza o termo “desaparecer de si” para se referir ao *modus operandi* contemporâneo que sugere uma angústia existencial do indivíduo na qual ele busca, inconscientemente, – ainda que Le Breton não deixe isto claro – a evitação desse estado emocional.

Ao buscar uma relação com um corpo materializado mas desalmado, é como se o sujeito estivesse desaparecendo de si, pois o processo de espelhamento é uma exigência que todo e qualquer tipo de relacionamento impõe. Ademais, em sua análise, Flusser (2002) afirma que a vontade do indivíduo trabalhador é dizimada perante a onisciência e a onipotência dos aparelhos, levando a pessoa ao estado de “funcionário”; aquele age apenas em função dos aparatos. Disso, pode-se depreender que a dimensão existencial do indivíduo é reduzida a um aspecto funcional, o que em certa medida, pode ser comparada à existência de uma *sex doll*, com a diferença de que por trás do ser humano que trabalha, há ainda um corpo, imaginação e consciência, ainda que forçosamente reduzidas (Contrera, 2015). Não seria exagerado propor que aquele que tenta estabelecer um relacionamento com uma *sex doll* pode estar igualando-se a ela, uma vez que ela não reclama, sente, ri ou chora. Nunca estabelece diálogo, portanto não contesta, conversa ou debate (Contrera; Zovin, 2014).

Utilizamos como metodologia a coleta de dados através da ferramenta oferecida pelo Google Trends a fim de demonstrar a importância e a relevância do fenômeno das bonecas sexuais pelo mundo, bem como uma revisão bibliográfica que traz como principais referenciais teóricos Vilém Flusser, Malena S. Contrera, Norval Baitello Júnior e Carl G. Jung.

1. Sex Dolls

Apesar da mídia eletrônica ter ajudado a popularizar o uso das bonecas sexuais no Japão, o fenômeno não está restrito a esse país. De acordo com dados obtidos no Google Trends (2021), as compras *on-line* de *sex dolls* aumentaram cerca de 25% nos últimos 13 anos, tendo um pico de 100% no mês de janeiro de 2018 (Figura 1). O fenômeno já pode ser considerado mundial, alcançando 146 regiões (Figura 2). Pode-se depurar ainda as categorias em que as *sex dolls* são pesquisadas no Google. Ao longo desses 13 anos, o termo "*male sex dolls*" (boneca sexual masculina) é o que possui maior ascensão de compras; seguido por "bonecas sexuais reais", "bonecas sexuais realísticas", "pornô de bonecas sexuais" e "bonecas sexuais de silicone" (Figura 3).

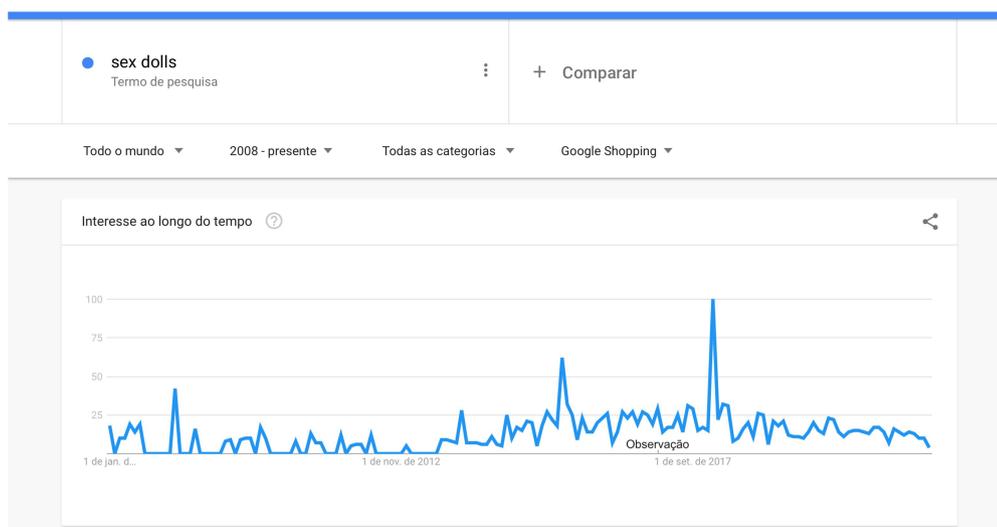


Figura 1 – Compras de Sex Dolls, Google Trends (2021).

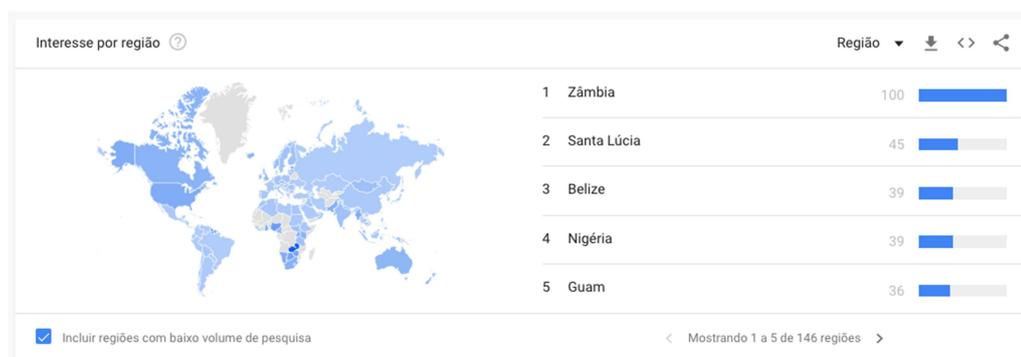


Figura 2 – Regiões de Interesse de Sex Dolls, Google Trends (2021).



Figura 3 – Google Trends (2021).

Parece que a aquisição das bonecas sexuais não está relacionadas somente ao ato sexual. Por exemplo, no ano de 2020, o fisiculturista Yuri Tolochko casou-se com sua boneca sexual, Margo. Há ainda uma narrativa de como Yuri e sua boneca se conheceram. Segundo o fisiculturista, isso aconteceu em uma boate onde ele a resgatou de outros que possuíam intenções maldosas com Margo⁵. O cazaque afirma que namorou Margo por 8 meses e o namoro foi frutífero graças ao conselho: "casais precisam falar menos". Contudo, meses após o casamento, Yuri vem a público admitir que traiu Margo o que levou o "relacionamento" à separação. Aparentemente Margo deu defeito. Yuri comentou:

"Há uma razão específica e convincente para o meu divórcio. No entanto, ainda não estou pronto para falar sobre isso", [...] dizendo-se ainda "magoado" com a situação. "É difícil para mim moralmente. Eu dediquei muito tempo e esforço ao nosso relacionamento, me acostumei com ela, dois anos e meio da minha vida estão ligados a ela. E é difícil perceber agora que ela não está lá. Isso realmente dói", acrescentou. (Extra, 2021)⁶

⁵ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/11/30/fisiculturista-se-casa-com-boneca-sexual-em-cerimonia-no-cazaquistao.htm>

⁶ <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/fisiculturista-se-separa-de-boneca-sexual-esta-namorando-galinha-com-cabeca-humana-24922424.html>



Figura 4 – Casamento de Yuri e Margo, Instagram: yurii_tolochko

No Japão, Akihiko Kondo também casou-se com uma boneca, dessa vez virtual (figura 5), isto é, um holograma. O jovem gastou cerca de 66 mil reais na cerimônia. A boneca virtual chama-se Hatsune Miku e é uma cantora virtual. Segundo o rapaz: "Nunca me enganei, sempre fui apaixonado por Miku"; "tenho pensado nela todos os dias"⁷.

Ainda no país nipônico surgiu um novo serviço que contempla o relacionamento entre humanos e bonecas sexuais: o velório das companheiras⁸. A empresa *Ningen Love Doll* realiza rituais funerários para os donos das bonecas, ocasiões em que é possível até convidar amigos; o serviço chega a custar cerca de R\$3.500,00. Segundo a empresa é um serviço tanto afetivo para os donos como de utilidade pública que evita o descarte das bonecas no lixo comum, o que pode fazer com que outras pessoas confundam o simulacro com pessoas reais. Isso pode acontecer devido ao realismo que as bonecas mostram; conforme o portal *Hypeness* (2020) a empresa chinesa *DS Dolls* divulgou no ano de 2020 a boneca denominada *Qinweiyingjie*, cuja pele, feita em impressora 3D com silicone e cera, possui 99% de semelhança com a humana.

Recentemente um fato desse tipo aconteceu no Japão, onde bombeiros foram chamados pela população para resgatar uma mulher nua afogada. Somente na hora do resgate

⁷ <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,homem-gasta-r-66-mil-em-casamento-com-boneca-virtual-no-japao,70002608070>

⁸ <https://sexting.blogosfera.uol.com.br/2020/01/31/desative-em-paz-empresa-oferece-funeral-de-boneca-sexual-realista-no-japao/>

descobriram que se tratava de uma boneca sexual e não de uma mulher, podemos ver uma foto da situação na Figura 5.



Figura 5 – Resgate da Boneca Sexual, New York Post, 2021.

Estes casos são suficientes para lembrarmos da famosa discussão entre Flusser e Vicente Romano sobre a maçã e o holograma (Baitello Jr., 2010) e aprofundarmos ainda mais a problemática relacionada à tecno-imagem e suas conseqüentes subtrações que parecem atingir diretamente os relacionamentos. Enquanto Contrera e Zovin (2014) trazem o fenômeno de mulheres que almejam ser bonecas e acabam mimetizando as bonecas comuns do mercado infantil, parece que as bonecas sexuais estão sendo idealizadas e produzidas para se assemelharem cada vez mais às mulheres reais do ponto de vista sensorial, isolando e negando cada vez mais a diversidade emocional, afetiva e ideacional que o contato com seres humanos reais pode trazer.

2. A Escalada da Abstração e a Quadridimensionalidade

É de grande valia buscar o entendimento do fenômeno aqui exposto pela ideia do homem tridimensional, bidimensional, unidimensional e zerodimensional, isto é, do que Flusser (2008) denominou de Escalada da Abstração. Vivemos em um mundo tridimensional,

de osso e carne, mas, como aponta Baitello Jr. (2012), em algumas ocasiões acabamos por subtrair uma dimensão em prol da comunicação e dos vínculos nos transformando em imagens: tentamos, por exemplo, nos vestir adequadamente e agir a fim de manter a aparência do bom cidadão, pai, cônjuge, trabalhador, membro respeitável da comunidade. Mas vamos além, e transformamos o indivíduo-imagem bidimensional em uma única dimensão, a da linha: o currículo, uma lista de aspirações, uma carta, currículo lattes, etc. Flusser (2008) e Baitello Jr. (2012) apontam que ainda há mais uma abstração possível, aquela que nos leva para o espaço zero. Muito bem exemplificado pelo Cadastro das Pessoas Físicas da Receita Federal (CPF); pelos números de vítimas que o COVID-19 fez no Brasil; pelos valores bancários em nossas contas correntes virtuais; pelos investimentos em bitcoins – um número, uma abstração zerodimensional ou nulo dimensional.

Baitello Jr. (2012) ainda levanta a questão de uma quadridimensionalidade que pode ser considerada como o tempo. Essa ideia que o autor denomina "tempo" é de grande importância pois é neste ponto fenomenológico que o presente artigo tem foco. Rovelli (2018) afirma que a ideia de tempo como uma longa linha, uma sequência de fatos que se ordenam, podendo ser medidos no relógio e qualificados como passado, presente e futuro está equivocada. Seria o mesmo de dizer que a Terra é plana, ou mais corretamente: bidimensionalizar a quadrimensão. Esta visão *lato sensu* não deve ser desconsiderada como um todo, pois nela há algo verídico: a relação entre um indivíduo tridimensional e o fenômeno *stricto sensu* do tempo quadridimensional.

3. Espólios da Escalada

Assim como entendemos que é impossível saber se o gato de Schrödinger está vivo ou morto na caixa, os dois ao mesmo tempo ou nenhum dos dois; podemos considerar que é necessária uma interrelação para decidir e conceber o que chamamos de ser e estar no espaço/tempo. Isso significa que a ideia popular de tempo nada mais é do que o "eu" humano vivendo e convivendo em um espaço tridimensional, que necessita conhecer o seu passado e almejar o seu futuro. Recorremos a Jung (2013b) que afirma que o "eu" é o centro da consciência e o responsável ideal, unicamente dentro do campo da consciência, pela interrelação entre o indivíduo e *outrem* (endógena e exógena). O eu junguiano é o personagem psíquico que possui capacidade reflexiva; aquilo que chamado de conteúdo de consciência é "a consciência do eu" neste tempo/espaço.

Quando lançamos o olhar para a interrelação entre indivíduos, isto é, os relacionamentos amorosos, mais especificamente os vínculos eróticos⁹, estamos entendendo um cruzamento entre consciências, "eu's" (e os inconscientes pessoais e o coletivo), entre a complexidade da quadri-tri-bi-nulodimensionalidade. Isso vai ao encontro da afirmação de Flusser (2008, p. 16): “o propósito de toda abstração é o de tomar distância do concreto para poder agarrá-lo melhor”. Saltamos pelas dimensões para nos vincular. Do beijo à carta, do pensamento à tela no aparatos, o ser humano cria e sacrifica suas dimensões para vincular-se, até retornar à presencialidade, ao abraço e ao beijo.

O grande paradoxo é que o mergulho das abstrações deixou rastros ideológicos e mercadológicos. Abstraímos-nos para as redes sociais digitais e quando tentamos retomar à concretude parece que a referência ficou na própria rede social digital. Eis o que Baitello Jr. denomina de devorar e ser devorado pelas imagens técnicas.

A tecno-imagem é produzida por gesto que reagrupa pontos para formarem superfícies, isto é, por gesto que vai do abstrato rumo ao concreto. E como o gesto produtor confere significado à imagem, o modelo sugere que o significado das imagens tradicionais é o oposto do significado das tecno-imagens. (Flusser, 2008, p.17)

O autor ainda afirma que quando pensamos em "virtual" estamos pensando em possibilidades, ou seja naquilo que é “possível” de algum ponto de vista da realidade psíquica. Para alcançar a possibilidade de bombeiros resgatarem uma boneca sexual afogada e nua, é necessário que agrupemos muitos pontos, processos técnicos e tecnologia para que ela seja concebida na concretude e confundida com uma mulher de carne e osso. Retomando, se por um lado estamos tentando abstrair o ser humano nos transformando em bonecos (imagens técnicas) (Contrera & Zovin, 2014), por outro, estamos fazendo as bonecas (imagens técnicas) tomarem o rumo da concretude. De acordo com as autoras o ato de tornar-se boneca, exige que as mulheres sacrifiquem sua fala, seus gestos e fisionomias idiossincráticas. É preciso que elas sejam transformadas em produtos da cultura de massas enquanto arriscam suas vidas em processos cirúrgicos-estéticos. Nesta empreitada cria-se anestesiamento e negação da própria individualidade (Contrera, 2002). Isto é, o indivíduo torna-se quase que tridimensionalmente bidimensional: o molde de um molde. Mas, o que acontece na empreitada do "eu" que se relaciona com a imagem técnica sexual, afetiva e tridimensional?

⁹ A palavra “erótico” provém de Eros, que em sua representação mítica é o deus grego que representa o amor. Mas eros, envolve relação, conexão, qualidades comumente relacionadas ao feminino (Cf. Jung, Emma, 2006).

4. A Superficialidade e o "Eu" da Superfície

Relembremos a fala do fisiculturista Yuri: "casais precisam falar menos". O que está por de trás dessa frase é um elogio à superficialidade. A intenção aqui não é definir o que é o amor, mas apontar que tanto a mitologia, como a psicologia junguiana sugerem que o amor demanda profundidade psíquica. "Onde há alma, há amor, nos informa eternamente o conto de Eros e Psique" (Barcellos, 2012, p. 45). Carl Jung propõe um importante antagonismo entre amor e poder, quando afirma que "Onde impera o amor, não existe vontade de poder; e onde o poder tem precedência, aí falta o amor. Um é a sombra do outro" (Jung, 2014, p. 65). Nesse sentido, podemos dizer que uma relação com uma boneca sexual está desprovida da dimensão anímica, sem amor. O residual disso é uma tentativa, ao nosso ver frustrada, do estabelecimento de uma relação amorosa, mas que alimenta uma fantasia de poder, afinal, a boneca inflável não reclama, não se incomoda com manias, não questiona, não se irrita, não faz qualquer coisa que poderia transformá-la no ser "mais insuportável" do relacionamento.

Um aspecto importante a ser mencionado é a dimensão projetiva desta relação, ou seja, destacar que a esta boneca inflável, que em suma é um molde plástico, são atribuídas características de "mulher" ou "ser humano" pelos os adeptos de seu uso. A projeção é, em última instância, um aspecto imagético que diferencia o conteúdo entre o eu e o não-eu (Jung, Emma & Von Franz, 1980). Mas ainda carece de se entender que tipos de imagens endógenas alimentariam a fantasia de relação entre humanos e bonecas. Assumimos que exista uma fantasia de relação, pois como afirma Barcellos (2012) no amor há uma relação, mesmo quando ela assume o caráter do chamado "anormal", isso se aplica às parafilias, sadismos, voyerismo, dentre outras práticas sexuais comumente relacionadas ao amor; na verdade, o que há aqui é uma evitação do amor. Este seria caracterizado pelo contato mais direto com a personagem psíquica que Jung (2012) chamou de anima, a imagem interna que um homem constrói da mulher ao longo do desenvolvimento de sua personalidade. A anima é, ao mesmo tempo um arquétipo, ou seja, uma ideia geral de feminino que há muito é descrita na humanidade, tal como menciona Capra (2006) ao explicar os conceitos de *yin* e *yang* na filosofia antiga chinesa, na qual o *yin* está associado ao feminino. Se trata de associações comumente relacionadas às qualidades do feminino, tais como: contrátil, conservador, receptivo, cooperativo, intuitivo, sintético; terra, lua, noite, inverno, umidade, frescor, interior.

Mas a ideia de alma vai além de um conceito filosófico, pois tal como um arquétipo, uma imagem primordial comum à toda humanidade, também possui qualidades psíquicas particulares, isto é, características exclusivas adquiridas em cada psique individual. Segundo Jung: (2013a, p. 81): “[...] não estamos tratando de um conceito filosófico e muito menos de um conceito religioso da alma e sim do reconhecimento psicológico da existência de um complexo psíquico semiconsciente, cuja função é parcialmente autônoma”.

Com isso, conseguimos entender que a escolha de uma boneca inflável como parceira não é apenas da consciência, ela possui um caráter psíquico mais complexo. Dito de outra forma, o que se busca na boneca sexual é projeção da mulher perfeita, já que, na grande maioria das vezes, a imagem psíquica de feminino no homem, ou a alma, é bem mais exigente que uma boneca inflável.

A boneca sexual, por ser montada "ao gosto" de seu dono, assim como podemos escolher o que vem no rodízio de *sushi*, não deixa de ser uma produção narcísica. Como diz Jung (2012, p. 79) “Na projeção, a alma sempre assume uma forma feminina, com determinadas características”. Mas nesta relação projetiva com a boneca parece que o homem busca, a exemplo de Narciso, produzir apenas uma cópia de si mesmo, o que numa relação entre pessoas reais é impossível. Mas assim como Tristão se apaixonou perdidamente por Isolda após ser envenenado¹⁰ (Johnson, 1987), é possível que haja uma espécie de “envenenamento” por parte daqueles que optam por se relacionar com uma boneca inflável, ou até mesmo se casar com uma, tal como o Yuri.

Com isso voltamos ao problema da relação ou conexão. Segundo os estudos de Emma Jung (2006, p. 71): “Como essencialmente feminina, a alma, como a mulher, é determinada preponderantemente por Eros, isto é, pelo princípio da ligação, da relação”. A partir disso podemos afirmar que na dificuldade de se estabelecer uma relação simbólica com o seu próprio feminino, naturalmente o sujeito será, por conta do engendrado mecanismo psicológico da projeção, incapaz de estabelecer um bom termo com o feminino do mundo real. A resultante é a criação de abstração, tida como mulher, literal, e que será experimentada numa projeção animicamente empobrecida que não confronta, portanto não coloca o sujeito face aos seus prazeres e suas dores humanas. O prazer aqui parece reduzido à satisfação sexual por um lado e de seu desejo de poder por outro, visto que a dimensão simbólica do

¹⁰ Nos recordemos que a palavra “veneno” provém de Vênus, a representante romana da deusa do amor, conhecida como Afrodite na mitologia grega.

amor está literalizada e unilateralizada, carente de sua dimensão metafórica. O filme Ela (2013) já apontava para esta problemática ao abordar o apaixonamento de um homem por um sistema de computador, o qual era resultante apenas das preferências de seu dono.

Assim como no sistema de computador, a boneca inflável se reduz abstrativamente a uma cópia do usuário, sendo essa projeção consciente ou não. Enquanto esse movimento parece ser o encontro daquilo que a pessoa acredita ser em seu íntimo, o indivíduo desaparece de si em sentido mais amplo, pois todo o manancial de imagens endógenas fica segregado reduzido à abstração na imagem técnica da boneca inflável. O vício narcisista em si mesmo está estabelecido, uma vez que qualquer suposto atributo psíquico da boneca será resultante da projeção de quem a possui.

Isto nos traz de volta ao mito de Narciso, que foi punido tendo que admirar a si mesmo até sua morte. Não podemos esquecer o fato de que ele não tem conhecimento de que admira e está apaixonado por sua própria imagem, assim como os indivíduos que projetam seus próprios conteúdos nas bonecas. Em trabalhos anteriores¹¹, investigando os mitos dominantes na sociedade de 2004 até o ano de 2019, descobriu-se o mito de Narciso como um dos mais relevantes; não acreditamos que a negação dessa dimensão arquetípica tenha sido completamente solucionada. Dessa forma, a imagem de Narciso ainda precisa irromper no imaginário para provar sua existência:

Despertando a ira de muitas donzelas, elas recorriam aos deuses, pedindo que dessem uma lição no jovem Narciso, vingando-as. Foi justamente esse desprezo pelos demais que acabou derrotando Narciso. As ninfas, inconformadas com o desprezo e arrogância do rapaz jogaram sobre ele uma maldição: a de que ele ame com muita intensidade sem poder ter para si a pessoa amada. Nêmesis, a deusa punidora, escutou o pedido das ninfas e decidiu atender. Para isso ela aproveitou uma límpida e cristalina fonte que havia na região, da qual ninguém nunca havia se aproximado. Então, ao se inclinar sobre essa fonte para beber água, Narciso acabou vendo seu reflexo e ficou extremamente encantado com sua visão. Fascinado pela imagem o jovem analisou cada detalhe de [seu] reflexo, [se] contemplando e se apaixonando [...], sem saber que era a sua própria imagem refletida. Encantado pela sua própria imagem e beleza e, sem conseguir alcançá-la, Narciso se deitou no leito do rio e lá definhou, olhando-se no reflexo das águas. Alguns autores preferem dizer que ele tentou abraçar a imagem, caindo na água e, desta forma, morreu afogado. Logo depois da sua morte, Nêmesis fez com que nascesse nesse local uma flor amarela com pétalas brancas, à qual chamou de Narciso. O

¹¹ C.f. Torres (2019).

fato é que Narciso tentou, até a sua morte, alcançar e tomar para si a imagem pela qual se apaixonou (Mitonarciso, 2018, *on-line*).

Brandão (1987) aproxima Narciso da palavra “narcótico”: em grego [...] (Nárkissos).

Comecemos pela etimologia. Nárkissos, o nosso Narciso, não é palavra grega. Talvez se trate de um empréstimo mediterrâneo, quem sabe da ilha de Creta. De qualquer forma, do ponto de vista etimológico, temos em [...] (Nárkissos) o elemento [...] (nárke), que, em grego, significa "entorpecimento, torpor". [...]. Relacionando-se, depois com a flor narciso, que era tida por estupefaciente, nárke será a base etimológica de nossa palavra narcótico e toda uma vasta família com o elemento narc- (Brandão, 1987, p. 173).

Se pudéssemos considerar um ato sexual o que acontece entre o indivíduo e a boneca, seria o que Flusser afirma: um “sexo desimpedido [que] estará totalmente fechado em si mesmo. A liberdade dentro do mundo fenomenal é equivalente à escravidão absoluta” (Flusser, 2008a, p.79). Podemos até substituir a ideia de escravo por “usuário”, afinal, o que se observa é um vício do sujeito em sua própria projeção, refém de uma redução simbólica da alma.

5. Considerações finais

O caráter de redução simbólica das imagens é um sintoma social contemporâneo, conforme atesta Contrera:

[...] o que nos importa especialmente é refletir sobre esse papel mediador e sobre a qualidade da mediação de que se valem nossas sociedades contemporâneas, já que vemos como nossa capacidade imaginativa foi reduzida, pela ampla rede de relações próprias da cultura de massas, a um uso bidimensional da imagem visual descartável, à visibilidade do espetáculo de rápido consumo (Contrera, 2002, p. 42).

A escalada da abstração, ou seja, de modelos mentais que literalizam experiências essencialmente humanas, portanto, em suas origens, simbólicas, parecer ser um sintoma contemporâneo, ou uma cosmosvião contemporânea, em que o universo imaginal foi substituído pelas imagens técnicas. As *sex dolls* como objeto de investigação deste artigo são apenas um exemplo deste modo de vida contemporâneo que acaba por usurpar toda a capacidade crítica e criativa humana. Isto explica, por exemplo, a escalada de crimes religiosos no Brasil, especialmente contra as religiões de matriz africana, ou a escalada do Talibã no Afeganistão, que faz uma leitura literalizada e deturpada do Alcorão, estabelecendo

leis com base nesta abstração que se torna violenta sob diversos aspectos. São pequenos exemplos que apontam para os riscos da redução simbólica. De acordo com Contrera:

[...] sabemos que a imagem simbólica cedeu gradativamente lugar, no mundo tecno-burocrático do Capitalismo, para a imagem técnica, num movimento em que a complexidade cognitiva é transferida do pensamento e da consciência humana para os programas dos aparelhos cujo funcionamento nos escapa [...] (CONTRERA, 2015, p. 63).

Talvez o neoliberalismo tenha ido longe demais ao ofertar massivamente as imagens técnicas, contribuindo e reforçando o fenômeno da literalização das experiências que em algum outro momento da história da humanidade eram recebidas simbolicamente. Somos convidados a revisitar todo um modelo de comunicação, educação e socialização, que nos coloque de volta em contato com o nosso universo da imaginação. Imaginar é o ato de “fabricar” imagens, ou de entrar em contato com o aspecto simbólico das imagens que vai muito além daquilo que pode ser observado tecnicamente:

Uma imagem, ao mesmo tempo em que torna algo visível (e visível não apenas no sentido ótico) torna algo invisível. Uma concepção de imagem baseada apenas na ideia de ótica não pode compreender a complexidade da imagem psíquica, que está baseada na simultaneidade, ou na abolição de sua própria inscrição no tempo (Barcellos, 2012, p. 89).

Talvez esteja aí o nosso grande desafio, “reanimar” as imagens simbólicas, ou seja, atribuir-lhes alma, alma, em sentido estritamente psíquico, que é retomar todo o campo simbólico das relações, que implica em tolerância, escuta, cuidado, altruísmo, generosidade, dentre outros atributos socialmente e politicamente em falta. Seriam o aumento pela procura das *sex dolls* uma tentativa literalizante desta (re)imaginação do mundo? Seriam tentativas de “fabricação” de almas concretas de um pensamento coletivo já contaminado pela literalidade das imagens? Destas perguntas a única coisa que podemos afirmar é que as abstrações jamais serão capazes de absorver o universo das imagens simbólicas, portanto, é para estas que devemos voltar nossas atenções.

Referências

BAITELLO JR., Norval. (2010). A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus.

BAITELLO JR., Norval. (2012). O Pensamento Sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Ed. Unisinos.

- BARCELLOS, Gustavo. (2012) *Psique e imagem: estudos de psicologia arquetípica*. Petrópolis: Vozes.
- BRANDÃO, Junito de Souza. (1987) *Mitologia Grega*. vol.2. Petrópolis: Vozes.
- CAPRA, Fritjof (2006). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.
- CONTRERA, Malena Segura (2002). *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise na mídia*. São Paulo: Annablume.
- CONTRERA, Malena Segura. (2015). *A imagem simbólica na contemporaneidade*. Intexto, Porto Alegre, n. 34, p. 456-466, set./dez. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.456-466/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- CONTRERA, Malena Segura. (2018). *Os Fogaréus da Alma: a sabedoria do coração*. In: WULF, C.; BAITELLO JR., N. (2018) *Sapientia: uma arqueologia de saberes esquecidos*. São Paulo: Edições Sesc.
- CONTRERA, Malena Segura (2018). *O Corpo Como o Lugar da Sombra*. Disponível em: <<https://www.ijep.com.br/index.php?sec=artigos&id=339&ref=o-corpo-como-o-lugar-da-sombra#conteudo/>> Acessado em: 20 ago.
- CONTRERA, Malena Segura; ZOVIN, Cristiane. (2014). *Boneca não fala – o silêncio mimético na sociedade mediática*. Interin, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 124-136, jul./dez. Disponível em: <<https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/132>>. Acesso em: 31 mai. 2021.
- ELA, filme (2013). Direção: Spike Jonze. Produção: Megan Ellison, Spike Jonze, Vincent Landay. Estados Unidos da América: Claro Now.
- EXTRA (2012). *Fisiculturista se separa de boneca sexual e está namorando ‘galinha com cabeça humana’*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/fisiculturista-se-separa-de-boneca-sexual-esta-namorando-galinha-com-cabeca-humana-24922424.html/>>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- FLUSSER, Vilém (2002). *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras Editora.
- FLUSSER, Vilém (2008). *O Universo das Imagens Técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.
- FLUSSER, Vilém (2008a) *A História do Diabo*. São Paulo, Annablume.
- GOOGLE TRENDS (2021). *Sex Doll*. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=sex%20doll/>>. Acesso em: 31 mai. 2021.
- JOHNSON, Robert. (1987). *We: a chave do amor romântico*. São Paulo: Mercuryo.
- JUNG, Carl Gustav (2012). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (8ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav (2013a). *O eu e o inconsciente* (25ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav (2013b). *Psicogênese das doenças mentais* (6ª ed.). Petrópolis: Vozes.

JUNG, Carl Gustav (2014). Psicologia do inconsciente (24ª ed.). Petrópolis: Vozes.

JUNG, Emma (2006). Animus e anima. São Paulo: Cultrix.

JUNG, Emma; VON FRANZ, Marie-Louise (1980). A lenda do Graal: do ponto de vista psicológico. São Paulo: Cultrix.

LE BRETON, David. (2018). Desaparecer de si: uma tentação contemporânea. Petrópolis: Vozes.

MITODENARCISO. (2018). Disponível em: <<https://mitologiagrega.net.br/narciso-o-espelho-e-ele-mesmo/>> Acesso em: 03 out. 2021.

PORTAL HYPENESS. Boneca sexual com 99% de precisão física assusta por similaridade com seres humanos. Set. 2020. Disponível em: < <https://www.hypeness.com.br/2020/09/boneca-sexual-com-99-de-precisao-fisica-assusta-por-similaridade-com-seres-humanos/>>. Acesso em: 31 mai. 2021.

ROVELLI, Carlo (2018). A Ordem do Tempo. São Paulo: Objetiva.

TORRES, Leonardo (2019). Narciso afogado e o corpo apagado contribuição teórica-metodológica para os estudos do imaginário a partir de uma mitologia do Google Trends. ComCult 2019. Disponível em: <http://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT7_Leonardo-Torres-UNIP.pdf>.